



Corpos e diferenças entre os gêneros

Patrícia de Mendonça Rodrigues

Doutora em Antropologia pela Universidade de Chicago (EUA)

A divisão social das diferentes competências de gênero e a própria estrutura espacial e de poder da aldeia originam-se do contraste corporal. As relações substanciais e sociais no nível intermediário, antes inexistentes, produziram a grande diferença entre masculino e feminino, entre corpos que se transformam menos e corpos que se transformam mais.

Os corpos masculinos são associados a uma maior contenção e purificação corporal, em contraste com os corpos femininos, que liberam mais substâncias, em razão da menstruação e do parto, sendo associados a uma maior abertura e poluição. Por essa razão, as mulheres e as casas de moradia, espaço das substâncias poluídas, devem ser mantidas à distância da Casa dos Homens, espaço sagrado onde a coletividade masculina tenta recriar a vida eterna cerimonialmente. Os xamãs trazem para os rituais os ancestrais de corpos fechados e purificados, conhecidos como aruanãs (*irasò*), com os quais os homens se identificam.

A diferença na capacidade de controle das substâncias internas originou a diferença rigidamente marcada entre o "grupo dos homens" (*ijoi mahãdu*), que se considera responsável pela condução da vida ritual e pela continuidade social, e o "grupo das mulheres" (*ixỹ mahãdu*), que deve ser mantido à distância e controlado, por ser considerado, pelos homens, como a verdadeira força da desordem e da mudança. A mitologia e a cosmologia atribuem uma maior capacidade de contenção/controle ao corpo dos homens e à subjetividade masculina, justificando o controle que os homens exercem sobre a vida pública e ritual desde o início dos tempos. Por outro lado, ao corpo e à subjetividade feminina é atribuída uma maior capacidade de poluição/transformação, mas, também, uma maior criatividade. As mulheres de idade são reconhecidas por uma extraordinária habilidade oratória, o que lhes confere o status de principal autoridade doméstica, e pela capacidade de criar choros rituais (compostos de música e letra) inéditos e bonitos, durante os períodos de luto, que são admirados e lembrados pelas futuras gerações. Os homens são associados aos ancestrais e à tradição, enquanto as mulheres (*ixỹ*) são associadas aos estrangeiros (*ixỹju*) e às transformações sociais.

A partir dessas premissas, os Javaé concebem a reprodução histórica da sociedade, desde o início mítico, como um diálogo permanente e criativo entre um esforço de perpetuar a tradição – simbolicamente masculino – e as mudanças inevitáveis que se dão por meio das relações com os estrangeiros, simbolicamente femininas. A noção de *tya*, "meio", refere-se, portanto, não apenas a uma posição espaço-temporal intermediária dos humanos sociais no cosmos, mas a uma *postura de mediação* histórica, definida conceitualmente pela mitologia, entre um princípio feminino que transforma e um masculino que reage tentando recriar o que foi perdido. A sociedade, assim como os filhos, é vista como o produto de uma mediação tensa feita pelos agentes humanos, ao longo do tempo, entre forças

desagregadoras e forças estabilizadoras, entre o que vem de fora (substâncias femininas, influências dos povos estrangeiros) e o que está dentro (sêmen, os costumes antigos), entre luto e ritual, entre misturas e tentativas de purificação.

À grande oposição entre homens e mulheres, soma-se a outra importante oposição estruturante da sociedade javaé, também de origem mítica, que estabelece a diferença entre grupos doadores e devedores de esposas. Os Javaé reconhecem o parentesco tanto por parte da linha materna quanto paterna e praticam o casamento entre primos cruzados bilaterais, associado à troca recíproca de mulheres, ao longo do tempo, entre dois grupos diferentes de parentes. Antigamente, os Javaé praticavam com maior regularidade o casamento arranjado (*harabiè*), de grande status, concebido como uma aliança entre famílias. Os parceiros, idealmente virgens, eram escolhidos por suas avós respectivas dentro da categoria de parentesco adequada. A cerimônia do casamento arranjado acentua as obrigações de provedor do homem, marcando a transição abrupta e um tanto traumática de um estado paradisíaco anterior, em que ambos os jovens não têm obrigação de trabalhar, para um estado constrangedor de evitação e subordinação aos parentes da esposa. A partir do casamento, o homem terá que realizar o "serviço da noiva", entregando todo o produto do seu trabalho aos afins (sogros e cunhados).

A descoberta do prazer do sexo no nível intermediário deixou os humanos maravilhados e gerou também a necessidade de retribuição pelo sexo aos parentes próximos da mulher desejada. As prestações matrimoniais são concebidas pelos Javaé como uma forma de compensação legítima pelo direito de acesso ao corpo da esposa, sendo conhecidas como *tykòwy* ("pagamento pela vagina"). Um longo e detalhado mito narra como *Tanỹxiwè*, o principal herói mítico javaé, responsável pela conquista dos principais bens atuais da humanidade, conquistou o sol em retribuição pela esposa aos afins. O sol, desde então, é conhecido por todos como *Myrèikò tykòwy*, "o pagamento pela vagina de *Myrèikò*". Todo alimento que circula em uma aldeia origina-se das prestações matrimoniais dos homens casados aos seus afins, incluindo os alimentos que fazem parte das refeições rituais da Casa dos Homens.